

LITERATURA, O CAMINHO DE FOLHAS

RESUMO

Contam os mitos de origem Iorubá sobre a passagem de uma Yabá que em seus passos lentos recolhe a matéria primal da Criação. Seu caminhar deixa um rastro de silêncio. Um estado de suspensão. Recolhimento, cuidado e reflexão é o que a pandemia de Sars-CoV-2 impôs aos seres humanos que habitam todos os cantos do planeta. De um lado a realidade das estatísticas, nossos hábitos, afetos e subjetividades atravessados pelo novo modo de se relacionar com esse mundo em transformação; de outro, a nossa resiliência em soluções para enfrentar as ausências e a espera dos dias em quarentena. Entre elas a Literatura, em suas folhas, pode ser um caminho para um recolhimento em busca de cura e lucidez. Neste ensaio recolhemos algumas folhas para (re)pensar o aspecto sensível da obra de arte em tempos de isolamento e a partir dos estudos de Deleuze (1997) e Bachelard (2018) refletimos como a Literatura pode mimetizar uma vida que falta.

Palavras-chave: Sars-CoV-2. Mito. Literatura. Arte.

LITERATURE, THE PATH OF LEAVES

ABSTRACT

Myths of Ioruba's origin tell about the passage of an Yabá that collects the primal materia of creating with its slowly steps. Its walk leaves a trail of silence. A state of suspension. Retreat, care and thinking are imposed by the Sars-CoV-2 pandemic to the human beings that live all over the world. In one side the reality of the statistics, our habits, affections and subjectivity are crossed by the new way of relating to this changing world. On the other hand, our resilience in solutions to face absences and the waiting days of quarantine. Among them, Literature, in its leaves, can be a way for a gathering in search of cure and lucidity. In this essay we collected some sheets to (re)think the sensitive aspect of the work of art in times of isolation and starting from the studies of Deleuze (1997) and Bachelard (2018) we reflect how Literature can mimic a life that is missing.

Keywords: Sars-CoV-2. Myth. Literature. Art.

LITTÉRATURE, LE CHEMIN DES FEUILLES

RÉSUMÉ

Les mythes d'origine Yoruba racontent le passage de Yabá qui, parmi ses lents pas, recueille le matériel primitif de la Création. Sa marche laisse une trace de silence. Un état de suspension. Recueillement, prendre soin de vous mêmes et des autres et réfléchir, c'est ce que la pandémie de Sars-CoV-2 a imposé aux êtres humains qui habitent aux quatre coins de la planète. D'une part, la réalité des statistiques, nos habitudes, nos affections et nos subjectivités traversées par la nouvelle manière de se rapporter à ce monde en mutation. D'autre part, notre résilience dans les solutions pour faire face aux absences et aux jours d'attente de mise en quarantaine. Parmi eux, la Littérature, dans ses feuilles, peut être un moyen de recueillement en cherchant de la guérison et de la lucidité. Dans cet essai, nous avons rassemblé quelques fiches pour (re) penser l'aspect sensible de l'œuvre d'art en période d'isolement et à partir des études de Deleuze (1997) et Bachelard (2018) nous réfléchissons à la manière dont la littérature peut imiter une vie qui fait manquer.

Mots clés: Sars-CoV-2. Mythe. Littérature. Art.

*Luis Heleno Montoril del Castillo [i]
Roberta Isabelle Bonfim Pantoja [ii]*



FOLHEAR

Oxalá criou o homem, o modelou no barro.
Com o sopro de Olorum ele caminhou.
Com a ajuda dos orixás povoou a Terra.
Mas tem um dia que o homem morre
E seu corpo tem que retornar à terra,
Voltar à natureza de Nanã Burucu.
Nanã deu a matéria no começo
Mas quer de volta no final tudo o que é seu.

Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi.

A epígrafe indica o movimento ancestral nascido do tempo do mito, dessa narrativa do sagrado a circunscrever a sabedoria subjacente à vida dos homens e também à sua morte. Mitos, quando de novo visitados, retornam do lugar do arcaico, dessa origem impossível de ser cronometrada, dessa verdade incontestada há muito e sempre ecoada, a de que há o princípio e o fim.

É assim que no tempo em que *Nanã Buruquê*[1] caminha sobre a terra, tudo muda e o simples toque entre nós está impedido; o entrelaçar de mãos, evitado; abraços são memórias de um passado recente; os lugares públicos, fechados; nas ruas, o tráfego frenético dá lugar às avenidas espaçadas, não se vê o alvoroço do urbano e as passagens estão soturnas. Todos reclusos em suas casas — para os que têm casa — por tempo indeterminado. O desconhecido se apresenta a todos com seu poder intempestivo e não temos mais os dias; a vida passa a ser regida pelo movimento da velha Yabá[2] e “as preces tristes subiam para o céu morno e cheio de estrelas tranquilas” (JURANDIR, 2019, p. 124).

Recolhidos, fomos obrigados a conversar entre nós, a olhar, ver e reconhecer quem conosco divide o mesmo teto. A nova realidade passou a imprimir detalhes que antes julgávamos triviais. O trabalho e a moradia passaram a ocupar o mesmo espaço para os que puderam conjugá-los, comprar a comida foi sendo uma tarefa cheia de medidas de segurança e limpar o nosso chão foi se tornando cuidado com a vida. O fora se tornou sinônimo de perigo e passamos a ter que encarar nossos medos e fragilidades. Os passos lentos de *Nanã Buruquê* retornam do tempo ancestral e toda a velocidade do tempo presente perde o vigor frente ao destino fatal que nos assola. Seus passos trazem consigo a restituição do que fora ofertado como primeira vida, na plenitude de seu significado primeiro, de sua primeira forma, essa de uma argila soprada. É assim que as perdas e dores de um tempo das urgências e emergências do cotidiano e da rotina que tem interrupção compulsória podem ser recebidas como o tempo da espera, desse rio estagnado, desse paul de folhas caídas sem o qual e as quais não se remodela o mundo. Uma angústia coletiva tomou os céus e as subjetividades tomaram conta de nós como entidades latentes. “Esperar, era ainda a vida, o movimento, os olhos abertos” (JURANDIR, 2019, p. 305).

A estagnação do tempo presente que veio com a pandemia da Sars-CoV-2 coloca-nos diante de uma urgência de outra ordem de seres e coisas, essa mais antiga, vinda de longe, a da “remodelagem” da vida para um mundo que falta. Sobre isso, a arte tem muito a dizer; em sua força, em sua graça e em sua luz, tem se mostrado alimento para sobreviver. Na pandemia, museus abrem suas portas para visitas on-line, artistas das mais diversas expressões de linguagem se mobilizam para que suas artes cheguem até nós de maneira remota e o isolamento social seja mais leve. Agora, os olhos e a voz abraçam por chamadas de vídeos em que os seres e as coisas tomam a forma de sua mais pura virtualidade e nada parece escapar a essa transformação do mundo.

Mas entre essa nova vida, outra vida está disponível e pode ser a escolhida, aquela de um aparente caminho seguro, de um alento em acalanto e canto, de uma vida que falta e retorna para lembrar que há criação possível no regime dos signos *in fabula*; como uma espécie de mito retornado para dizer, para falar, para escrever, para cantar. E nos damos conta de que a remodelagem técnica etecnológica é a esperança desse barro de Prometeu e de Nanã insistindo e resistindo ao “fato”. Sars-CoV-2 torna-se parte desse mito, “entificada” em sua personagem *hybris*, ela mesma atestado e consequência de um crime para o qual o homem se destina, e não para o qual está destinado; sob essa perspectiva, vê-se um Prometeu sobejamente inchado porque em bilhões refeito e multiplicado, encarcerado nas telas através das quais seu fígado é corroído na ilusão desse tempo que vem. E passamos da fábula à tragédia e de volta à fábula porque Prometeu resiste. Afinal, é “através

[1] Nanã Burucu ou Nanã Buruquê é Orixá do fundo dos lagos, dona da lama no panteão dos orixás.

[2] Nome dado às orixás femininas.

das palavras, entre as palavras, que se vê e se ouve” (DELEUZE, 1997, p. 9), é na Literatura que tudo antecipa e ensina, que encontramos uma saída, um respiro nesse momento, uma maneira de estarmos lúcidos.

PAUL DE FOLHAS

A Literatura permite uma passagem para um universo em que é possível ter outras vivências. Deleuze, em *A Literatura e a vida* (1997), considera que a Literatura é uma saúde; lembra-nos, assim como Rimbaud (2014), que o escritor é um vidente, alguém que ouve a caixa de vozes presente nas palavras, atravessa o vivido e acolhe o devir da escritura. Entende que “o mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde” (DELEUZE, 1997, p. 13-14) e, nesse ínterim, o escritor torna-se médico de si e do mundo.

Assim, ao olharmos para o mundo em transformação, cabem os questionamentos trazidos por quem foi escritor nesse sentido de que falou Deleuze (1997): Dalcídio Jurandir fabulou um homem muito bêbado que já não podia se equilibrar, em *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019, p. 51): “— Diga... Por que os... livros ficam... Ficam... À margem? Por que também... O homem... O homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência. Hein? Diga-me!” Poder-se-ia dizer que, em interrogações e reticências, a questão emerge para nos situar no presente, e que em alguma medida estamos também nesse delírio em que a Literatura em suas folhas pode ser a saúde do homem, que sai da margem da vida e volta a olhar para si mesmo e mergulhar em sua consciência.

Socialmente isolados, nossa temporalidade foi suspensa, não temos mais os dias, e sem tê-los passamos a olhar para as janelas de dentro, antes de mirar o fora, outrora tão disponível. E a Literatura, em sua força de representação, é então um pouco da matéria esquecida à margem. Porque nela existe uma fagulha do real que não pertence à nossa temporalidade, mas onde se mesclam a vida que temos e a vida que nos falta. A essa fagulha também podemos chamar de fabulação. Nela reside o desejo do narrar e do ouvir o som das folhas,

[...] o desejo da flecha e não do arco, nem do alvo, nem de qualquer ponto estático entre arco e alvo, dentro da trajetória do tempo e espaço de nossos anseios derivados de acontecimentos de rotina, mas extemporâneo, vindo de fora, dos movimentos das artes, de sons, cores, palavras, volumes, texturas, movimentos, luzes e vibrações (CASTILLO, 2011, p. 17).

Eis a fórmula que assinala a Arte como habitação para nossos dias suspensos, nela mesma, para ela mesma, quando domina a vida e lança uma abertura para outro mundo. Temos nos *Ensaio de Saramago – Ensaio sobre a Cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a Lucidez* (2004) — o lugar da arte que reverbera e ressoa sua necessidade dentro de uma realidade distópica. No primeiro, lembremos do momento em que os cegos narram o instante que foram acometidos pela cegueira branca; lembrança e cegueira que justificam a longa citação:

[...] Já todos contaram a sua última história do tempo em que viam, perguntou o velho da venda preta, Conto eu a minha, se não há mais ninguém, disse a voz desconhecida, Se houver, falará a seguir, diga lá, O último que eu vi foi um quadro, repetiu o velho da venda preta, e onde estava, Tinha ido ao museu, era uma seara com corvos e ciprestes e um sol que dava a ideia de ter sido feito com bocado de outros sóis Isso tem todo o aspecto de ser de um holandês, Creio que sim, mas havia também um cão a afundar-se, já estava meio enterrado, o infeliz, quanto a esse, só pode ser de um espanhol, antes dele ninguém tinha pintado assim um cão, depois dele ninguém mais se atreveu, Provavelmente, e havia uma carroça carregada de feno, puxada por cavalos, a atravessar uma ribeira, Tinha uma casa à esquerda, Sim, Então é de inglês, Poderia ser, mas não creio, porque lá havia também uma mulher com uma criança ao colo, Crianças ao colo de mulheres é do mais que se vê em pintura, De facto, tenho reparado, O que eu não entendo é como poderiam encontrar-se em um único quadro pinturas tão diferentes e de tão diferentes pintores, E estavam uns homens a comer, Têm sido tantos os almoços, as merendas e as ceias na história da arte, que só por essa indicação não é possível saber quem comia, Os homens eram treze, Ah, então é fácil, siga, Também havia uma mulher nua, de cabelos louros, dentro de uma concha que flutuava no mar, e muitas flores ao redor dela, Italiano, claro, E uma batalha, Estamos como no caso das comidas e das mães com crianças ao colo, não chega para saber quem pintou, Mortos e feridos, É natural, mais tarde ou mais cedo todas as crianças morrem, e os soldados também, E um cavalo com medo, Com os olhos a quererem saltar-lhe das órbitas, Tal e qual, Os cavalos são assim, e que outros quadros havia

mais nesse seu quadro, Não cheguei a sabê-lo, ceguei precisamente quando estava a olhar para o cavalo. O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos, Quem está a falar, perguntou o médico, Um cego, respondeu a voz, só um cego, é o que temos aqui. Então perguntou o velho da venda preta, Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira. Ninguém lhe soube responder (SARAMAGO, 1995, p. 130-131).

Saramago (1995) foi capaz de fabular o ser humano que, em condições extremas, ainda tem esperança nessa parada que traz a memória e o sonho; o cego reúne as obras de Van Gogh, Goya, Leonardo da Vinci, Botticelli etc. como se fossem uma única tela. Sem poder determinar a parte exata de sua última visão, o narrador estabelece com os outros cegos uma atmosfera de sonho que é interrompida pela última obra, possivelmente *Guernica*, de Pablo Picasso, que traz no medo um elemento comumente vivido por nós. Sem dúvida, em face de um mundo real, a narrativa do personagem faz um movimento de ascensão e queda: enleva-nos para um devaneio consciente – para lembrar Bachelard (2018) –, assim como nos devolve para o chão de nossas próprias ideias de responsabilidades pelo presente: “quantos cegos serão preciso para fazer uma cegueira?”

Tudo seria mais simples, parece, se nos déssemos conta de nossa inconsciência, se nos abrissemos para aquilo que ignoramos. A tomada de consciência que atravessa o devaneio dos personagens que veem o quadro pode ser aquele vestígio de matéria noturna olvida na claridade do dia do qual nos falou Bachelard (2018), poderia ser o sopro que reanima o sonhador em seu devaneio consciente e o mundo real poder ser absorvido pelo mundo fabulado. Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, ao observar um homem que caminhava, alcançou os domínios do subterrâneo do sonho:

Ora, as costas deste homem dormem. Todo ele, que caminha adiante de mim com passada igual à minha, dorme. Vai inconsciente. Vive inconsciente. Dorme, porque todos dormimos. Toda a vida é um sonho. Ninguém sabe o que faz, ninguém sabe o que quer, ninguém sabe o que sabe. Dormimos a vida, eternas crianças do Destino. Por isso sinto, se penso com esta sensação, uma ternura informe e imensa por toda a humanidade infantil, por toda a vida social dormente, por todos, por tudo (PESSOA, 1999, p. 102).

Nesta vida social dormente faz-se possível ilustrar a descoberta daquilo que se constitui como uma realidade de outra parte e nela encontramos o fundamento que rege os passos da velha Yabá, a transmutação. Água e terra, figurada em sua lama, tornam-se matéria fecunda desse movimento que antecede o presente e lança o porvir. Steinbeck (2017) reverbera esses passos ao evocar a escuta do coração, sentido necessário como quando nos deparamos com perguntas que nos assolam neste viver suspenso: “onde vamos parar? Acho que não vamos parar em lugar nenhum... Estamos sempre a caminho... Sempre indo. Por que é que ninguém pensa sobre isso? É um movimento que não acaba nunca. O pessoal anda, anda sempre” (STEINBECK, 2017, p. 156). A questão já traz a possível resposta, que toca a profundidade da ressonância do mito: estamos sempre caminhando. E se todos dormimos nessa vida que é sonho, o escritor é “o sonhador de palavras”, de quem nos fala Bachelard (1986), ao nos dizer que não há coisas fixas para aqueles que alternadamente pensam e sonham.

Essa compreensão de passagem é revelada no Ensaio sobre a Cegueira (SARAMAGO, 1995) pelo escritor cego que buscou em outro sentido, o tato, uma maneira de escrever e assim fazer de sua passagem também um caminho de folhas, que a única vidente da narrativa, a mulher do médico, não pode deixar passar insípido:

Sem esperar a resposta pegou nas folhas escritas, umas vinte seriam, passou os olhos pela caligrafia miúda, pelas linhas que subiam e desciam, pelas palavras inscritas na brancura do papel, gravadas na cegueira, Estou de passagem, dissera o escritor, e estes eram sinais que ia deixando ao passar. A mulher do médico pôs-lhe a mão no ombro, e ele com suas duas mãos foi buscá-la, levou-a devagar aos lábios, Não se perca, não se deixe perder, disse, e eram palavras inesperadas, enigmáticas, não pareciam que viessem a propósito (SARAMAGO, 1995, p. 278-279).

O trecho acima convida-nos a retomar Deleuze (1997) quando entende que na arte da escritura há imagens e sons próprios que se sobrepõem às palavras, o escritor como um pintor e musicista, alguém que leva a linguagem ao delírio, dentro de um mecanismo que arrasta as palavras para um universo outro, aquele habitado pela arte. O nosso escritor cego da citação anterior se

relaciona com a palavra pelo toque, pela memória gráfica de um signo, agora desenhado na brancura do papel e da cegueira. Ele escreve um livro sobre o que sofre, sobre a vida que tem. E essa escritura, podemos tomá-la como uma saúde. Encostada na sua consciência que transforma a esferográfica num instrumento de transmutação da realidade, pois ela não serve ao escritor para que leia o que escreveu, mas para saber onde escreveu. Espaço de transmutação, as folhas guardam a vida em cegueira que, como a nossa em quarentena, não cessa, ecoa e soa no devir do verbo in delírio.

Esse é o estado que realiza a Literatura como saúde, como o caminho das folhas de cura, mas é preciso abrir os sentidos para elas, aceitar que a necessidade da criação passa pelo outro. Saramago (2004), agora nos propondo um Ensaio sobre a Lucidez, compõe um diálogo em que as palavras, em sua potência, quando reunidas, sopram uma promessa de esperança para um tempo que vem:

Senhor comissário, Diga, Há uma pergunta que gostaria de lhe fazer, mas não sei se me atreva, Pergunte, não duvide, Por que está a fazer isso por nós, por que nos ajuda, Simplesmente por causa de uma pequena frase que encontrei num livro, há muitos anos, e de que tinha me esquecido, mas que me regressou à memória num destes dias, Que frase, Nascemos, e nesse momento é como se tivéssemos firmado um pacto para toda a vida, mas o dia pode chegar que nos perguntemos Quem assinou isto por mim, Realmente são umas belas palavras, daquelas que fazem pensar, como se chama o livro, Tenho vergonha de confessar que sou incapaz de me recordar, Deixe lá, ainda que dele não possa recordar nada mais, nem mesmo o título, Nem sequer o nome do autor, Essas palavras, que provavelmente, tal como se apresentam, ninguém as haveria dito antes, essas palavras tiveram a sorte de não se perderem umas das outras, tiveram quem as juntasse, quem sabe se o mundo não seria um pouco mais decente se soubéssemos como reunir umas quantas palavras que andam por aí soltas (SARAMAGO, 2004, p. 285).

A personagem parece perceber o outro de que nos fala Deleuze (1997, p. 13), inúmeras metáforas cabem para revelar nas palavras o caráter essencial da Literatura. Parece que sua reflexão assinala um aspecto sensível da obra de arte, em sua visão e por isso mesmo revela como “as duas pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu”. Há uma tradição universal nessa ideia. “*Je est un autre*”, disse-nos o jovem de Charleville, e convidou-nos a sonhar mais humanos, muito além das palavras gastas, mas do ser presente em sua linguagem (RIMBAUD, 2014).

Transpondo uma última situação fabulada pelo vidente português que nos acompanha, encontramos outra vez a circunstância tal como a vida presente, da nossa fragilidade, de nossos desajustes e cansaços, como se estivéssemos perdidos em uma encruzilhada como a mulher do médico:

Deu uma volta, deu outra, já não reconhece nem as ruas nem os nomes delas, então, desesperada, deixou-se cair no chão sujíssimo, empapado de lama negra, e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães rodearam-na, farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer, um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo ombro encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele (SARAMAGO, 1995, p. 226).

Voltando à condição em que estamos ofuscados por tantas subjetividades em conflito que não encontram no mundo lá fora qualquer apoio seguro, parece-nos necessário acrescentar que nesta temporalidade de reclusão a Literatura possa ser, nas ausências de uma realidade pandêmica, o nosso Cão das Lágrimas, e com ternura enxugar os anseios que nos assolam para que uma vez sustentados nela possamos seguir.

Os passos de Nanã continuam e, com eles, ela vem e vai recolhendo as folhas, não temos notícias de sua parada. E ainda que deslocados de nossas seguranças e certezas, ainda que despertos para nossa mortalidade, somos a matéria sopro ancestral, somos milagre ainda em movimento. Seguimos a vida porque a vida é o que temos e o que ganhamos todos os dias. E debaixo do velho céu, seguimos sonhando, acordados e adormecidos.

ALGUMAS FOLHAS

Folha recolhida 1

21 de março de 2020.

Boa noite Pilar,

estou confinado por aqui. O governador do estado baixou decreto fechando quase tudo. Mas, independentemente dele, eu já havia decidido sair somente para comprar comida. Mas estou preocupado e triste com tudo isso. Mesmo com toda minha racionalidade, minha inteligência emocional irrompe forte. Penso que todos nós devamos ter direito à morte digna, a mais desejada, quando a beijamos em um abraço lindo do infinito para além do quinto bardo do livro dos tibetanos. Não nos prepararam ou educaram para que fosse dessa maneira que está vindo, ou talvez seja isso? Um confinamento compulsório para que restemos monges e encontremos nosso quinto bardo? Não sei, penso em Hamlet e seu crânio; nos delírios de Quixote; no ser de mil tons de Riobaldo; no eleelaele andrógino esperando os que dormem durante a noite para comê-los com sua mística e cruel paixão, do conto de Clarice; no riso de Irene mirando Eutanázio, da Chuva e noite eterna de romance do Dalcídio; e me ocorre esse palíndromo sem saída da canção de Caetano, IRENERI IRENERI IRENERI, como os gregos são eternos... a musa das horas fungando em nossos pescoços; e lembro de minha mãe com seu corpo pequeno, vivido de tempo e frágil diante de uma sepse devastadora dos pulmões, ai, sinto-me como Morceau de Camus, Estrangeiro. Compreendo plenamente a abertura de seu romance, "*Aujourd'hui mama est morte*".

Folha recolhida 2

25 de março de 2020.

José,

Este foi o e-mail mais bonito e mais triste que já recebi.

Mas acho que é tudo isso mesmo. Já era hora de acontecer... A parada...

A reclusão...

Escrevo para você escutando as mesmas músicas que estou usando para "ambientar" a escrita sobre o livro "*Enterre seus mortos*": *Marche funebre*, de Luigi Cherubini; *Requiem In D Minor, K.626:1*, de Mozart; *Suite No. 3 In D Major*, de Bach e outras...

Como você deve ter lido as mensagens no zap, esses foram dias muito duros para mim, para todos aqui... Agora, além de sofrer pelos outros, também somos uma ilha de medo, pois o sistema não comporta mais ninguém. Caso aconteça alguma coisa com a gente, teremos de ficar em casa, sem assistência alguma.

Por isso, nossos vizinhos estão morrendo.

Estou fazendo um esforço sobre-humano para escrever, não porque eu não tenha paixão, mas porque a realidade invade nossa casa com gritos e sirenes.

Meu medo atravessa o oceano e chega até Belém, onde está a minha mãe, pois sei o que vai acontecer no futuro... e não será bom.

Agora pessoas jovens estão morrendo também. 20, 30, 40, 50, pois mesmo que você chegue ao hospital e tenha grandes chances de sobreviver, não há equipamentos suficientes.

Pode não haver um respirador quando chegar a sua vez de ser atendido, então, o que seria uma gripe forte com um princípio de pneumonia, passa a ser a falência do seu pulmão e você morre sufocado, porque seu pulmão está infeccionado.

Ninguém fala no Brasil que o corona infecciona a pele do pulmão responsável pela respiração e que, por conta disso, ele enche de sangue e água, impedindo você de respirar sem aparelhos.

Você morre em quanto tempo sem respirar?

Essa é a realidade sem matiz, sem floreios.

Isso não é uma gripe! A mais "estupefante" verdade. Inevitável.

O que está acontecendo na Itália, agora está começando na Espanha.

Nos outros países também acontecerá. É só uma questão de tempo e de leitões.

A Alemanha, por exemplo, pode se segurar por mais tempo... Mas até quando?

[1] Nana Bunica ou Nana Buniqua é Orixá do fundo dos lagos, dona da lama na pantufa dos orixás.

[2] Nome dado às orixás femininas.

Eu espero sinceramente que, pelo menos, as pessoas que amo, aí no Brasil, consigam se afastar e se proteger como puderem, porque o Brasil será como 3 Itálias juntas, salvo se algum fator “miraculoso” interferir, como a descoberta da cura desta doença, por exemplo.

Não acredite que são somente velhos e portadores de doenças preexistentes que desenvolvem a forma severa da doença. Não é verdade!

O decreto de quarentena foi prorrogado de 3 de abril para 31 de junho. Então faça as contas.

O Brasil, mais ou menos em abril ou maio, vai estar pior que nós aqui.
O Brasil, anunciaram por aqui, deve alcançar 1 milhão e meio de mortos.
Contando que o Brasil todo pare imediatamente.

Por isso, Bolsonaro está sendo considerado um criminoso contra a humanidade, pois o Brasil poderia reduzir esse número consideravelmente, uma vez que teve tempo.

Os números no Brasil parecem baixos porque os exames não estão sendo feitos em larga escala.
Apenas quem vai ao hospital é detectado (quando é).

Ah, José... esse momento deve trazer duras recordações de sua mãe, eu imagino...
Lamento de todo o coração que nossas vidas tenham tomado esse rumo.
Eu sei que isso um dia vai passar, mas quanto de dor restará?

De qualquer forma, o Alessandro manda um forte abraço, cheio de saudades dos nossos risos nas aulas de italiano.

Ele me pediu para enviar um texto que ele escreveu. Ele queria muito as suas impressões.

Um beijo grande de todos nós e, como não sabemos do amanhã, queremos dizer que amamos muito você e que você é muito importante para as nossas vidas.

Obrigada/o por tudo!
P.S. envio em anexo o texto que Alê escreveu para um jornal daqui
(A mãe de Pilar faleceu, em Belém, em 17 de junho de 2020).

Folha recolhida 3

[O texto de Alê][3]

Se numa noite de inverno um ancião morre

16/03/2020

Caro leitor, você está começando a ler mais um artigo sobre o coronavírus, intitulado: *Se numa noite de inverno um ancião morre*. Faça um esforço. Só um minuto, depois, se você quiser, no meio da leitura, poderá inventar uma desculpa para virar a página. Mas, por agora: calma. Afaste todos os seus outros pensamentos. Deixe que a psicose a sua volta se dissolva no indefinido.

Você começa lendo o *vademecum* das precauções a serem adotadas. **1- Lavar regularmente as mãos (...)** Você finge que se importa: Um “não sabia”, seguido de um “veja só”, intercalam cada um dos pontos das recomendações.

Afinal, por que se preocupar? Você é jovem e seu estado de saúde não preocupa. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre uma televisão ligada. Diga logo aos outros: “Não, não quero ver a televisão!”. “Outros mortos, não obrigado!”. Fale mais alto, talvez não tenham te escutado: “Estou lendo! Não quero ser perturbado!”.

Durante a leitura deste parágrafo você se dá conta do fato de que este artigo foi escrito após a leitura atenta, da parte do autor, de um artigo publicado no jornal *La Repubblica*, assinado por Fabio Tonacci, no qual a filha do senhor Trevisan decide de trazer à luz a história do seu pai que, infelizmente, coincide com a primeira morte na Itália por coronavírus.

[3] Trata-se de Alessandro Autiello, que escreveu esse texto durante a pandemia na Itália, no epicentro dela, na cidade de Milão. Uma das folhas desse caminho de Nanã.

De súbito, um pensamento fugaz: *Ah sim, o Sr. Trevisan morreu hoje. Ou talvez ontem, não sei bem.* No entanto, você descobrirá, mas só nas próximas linhas, que este famoso primeiro morto em nossa terra, diz respeito a um senhor de 78 anos que vivera na pequena comuna de Vó da qual, até hoje, pouco se sabia. – *Eu sabia! – Imagina se não era um ancião.* Você diz também com a voz muito baixa.

A leitura continua e o texto flui. Uma outra frase te atingirá e será de grande ajuda para você, mas você ainda não sabe qual seja. Posso te adiantar somente que está muito na moda ultimamente: todos a utilizam e, por vezes, abusam dela. É a rainha que tinge as manchetes dos jornais. Aqui está ela: *As vítimas sofriram de “patologias progressas”.*

Perfeito, agora você já tem todos os elementos para construir a sua teoria impenetrável, por detrás da qual você pode se barricar ou atacar todos aqueles que tentarão convencê-lo a colocar em prática alguns pequenos cuidados higiênicos.

Você sabe muito bem que sua atitude é compartilhada pela maioria das pessoas que, a golpes de deboches e compartilhamentos de *memes* nas redes sociais, tomam como alvo aqueles que, um pouco envergonhados, higienizam as mãos repetidamente na rua.

Lamentavelmente, o seu julgamento preconcebido sobre o assunto não leva em consideração a história do Sr. Adriano Trevisan, a qual, talvez, poderia ter mostrado a você uma perspectiva diferente sobre o que está acontecendo nestes últimos dias.

Talvez, com um pouco mais de cautela por parte daqueles que desde o início subestimaram o vírus, alegando que era uma simples gripe, a Vanessa, o Vladimiro e o Angelo teriam ainda um pai com o qual poderiam discutir sobre política. Talvez, ainda fosse possível escutar na casa dos Trevisan, a frase repetida mil vezes em pequenas disputas diárias: “pai... olha que o comunismo não exista mais uma vida.” Talvez, Linda, a mulher, teria tido, por mais alguns anos, a cama aquecida pela presença de Adriano. Ou, talvez, Nicole e Leonardo, os netinhos, ainda tivessem um avô com o qual brincar na praça da comuna de Vó. Mas, no fundo, você não o conhecia e não se importa. Como não te interessam os nomes de todas as outras vítimas.

Prontamente, as palavras **pânico** e **alarmismo** surgem entre as linhas, realinhando o nível do discurso à tua chave de leitura sobre o assunto. Como que aliviado, você dá um suspiro e se acalma. Deus me livre que, depois de todo o seu esforço feito para ler esse artigo, seja justamente ele a jogar sujo com você, tornando-o benevolente.

Você continua e lê que os prefeitos, o primeiro ministro e o presidente da república afirmam que o pânico não resolve a situação e que não há necessidade de alarmismo. Sobre isso, estamos todos de acordo: mas tenha cuidado para não confundir o binômio **alarmismo** e **mortes limitadas a algumas faixas da população**, com outros que geram indiferença e xenofobia. Este último, latente, expresso com frases do tipo: *não me diz respeito, não sou eu aquele imunodeprimido, velho, chinês ou que mora numa cidade com surto epidemiológico.*

Não obstante, o alerta dado pelo autor, as únicas duas palavras que ressoam em sua mente são – **ancião** e **doenças progressas**. Assim graças a elas, aquela pequena ansiedade que poderia ter contaminado a sua rotina, finalmente desaparece.

Agora você está ainda mais confiante e decide se deixar levar. Fale! Vai. Não há ninguém ouvindo você. Vai! – A máquina de comunicação não verbal italiana se ativa em todo o seu esplendor: como um ator diante de uma plateia semivazia, você começa a mover os braços, seguidos dos ombros, mãos, boca aberta, pescoço para trás e olhos arregalados. Como em uma fornalha, você se inflama. Você está em plena erupção. Você não suporta mais. Do antro do estômago palavras escalam, a golpes de picaretas, em direção ao esôfago tentando se esquivar de outros discursos ácidos. Pronto. Como em câmera lenta, seu braço levantado e curvo em pleno ar já está pronto para soltar um: *Mas que ca***lho me interessa, esse ancião teria morrido de qualquer jeito! – Bravo, é isso aí! Repita de novo! A sua voz troveja e se espalha pelo quarto. Se*

sente mais leve, agora? Você para um instante. Uma nuvem de palavras cinzentas paira sobre você. Você abaixa os olhos e se envergonha um pouco: “O que é que eu disse?”.

O autor faz você dizer coisas que você não gostaria de dizer, mas que no fundo pensa; ele reutiliza o adjetivo que você utilizou: “**ancião**”, mas, com uma conotação diversa, dado que, nosso Adriano, assim como o imperador romano, era antianum que, etimologicamente falando, significa “alguém que pertence a uma época anterior a nossa”, não um fraco.

O autor muda as cartas na mesa e com astúcia decide substituir época por geração uma vez que o senhor Trevisan, como a própria filha afirma na entrevista, pertencia a uma outra geração. Uma geração que acreditava ainda em ideologias: “*comunista até o osso*”. Talvez, o próprio Adriano, por convicção política ou por simples senso de pertencimento a uma humanidade, tivesse calado qualquer uma pessoa que tivesse ousado utilizar um número para indicar seres humanos, com o objetivo mais que legítimo, de não repetir temíveis erros passados.

Agora, graças à leitura dessas próximas linhas, você imaginará o Sr. Trevisan no Bar. A página do jornal fica embaçada como os vidros da entrada. O letreiro da fachada – **O Sol** – se ilumina em uma noite chuvosa. Adriano entra no bar e desabotoa o casaco de cor azul. A tensão da partida **Milan – Inter** está no ar. A televisão em cima da prateleira branca já está ligada. Você escuta alguém cumprimentá-lo: “Oi, Moreno, até que enfim você chegou. Como é que tá a Nicole?” Ele se gira, com o seu maço de cartas na mão, pronto, como sempre, para uma rodada de *briscola* entre um gol e outro, e responde: “A *pequena está bem*”.

Tá vendo? Começa a ser um pouco mais familiar o Sr. Adriano. Agora você também está lá com ele, no balcão. Vocês dão uma olhada rápida no jornal aberto e leem a manchete: - *Mattarella: “O **massacre das Foibe (o holocausto italiano)** representa uma catástrofe nacional (...) o problema é a indiferença. (...) Os seus contemporâneos não deram a devida importância por superficialidade”*.

Agora, outras duas palavras que há pouco não tinham sentido para você, neste momento, pesam como rochas: **superficialidade** e **indiferença**. Você se sente culpado.

O amigo do “Moreno”, como era chamado pelos amigos, olha pra vocês e pergunta: “Como vocês querem ser lembrados?”. “*Eu quero ser lembrado por como eu vivi, não por como eu morri*”, responde Adriano. Você sente que essas palavras são suas também e as repete. E então, múltiplas memórias de outros tempos, como legionários aguerridos, assaltam a sua teoria intransponível do início do artigo que, ao vê-la melhor agora, se assemelha mais a uma muralha em ruína.

O imperador Adriano e o autor conseguiram se apoderar dos seus últimos focos de resistência redefinindo as fronteiras da sua empatia e fazendo você entender o quanto a memória é importante; assim como proclamar o nome e a história da primeira vítima do coronavírus na Itália, o sofrimento da família por haver perdido um ente querido, nos faça amadurecer, nos una através da dor, nos torne mais humanos, transformando as histórias de luto, de lutas pessoais e familiares em preciosos testemunhos pertencentes ao nosso patrimônio imaterial.

Leitor, é hora de sua agitada navegação encontrar um ancoradouro. O sentido último ao qual remete este artigo possui duas faces: **a continuidade da vida graças à memória** e a (in) **evitabilidade** da morte por coronavírus. Você se detém um instante para refletir sobre tais palavras. Logo depois, gélido, você se pergunta: “*onde eu botei o álcool gel?*”

(1) Nome feminino ou Nome feminino?
Orso do fundo dos lagos, dono da lama
na pantufa dos orcos.

(2) Nome dado às orcas femininas.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1986.
- CASTILO, Luis Heleno Montoril Del, Presente. **Kamikases**: revista literária, Belém, ano III, n. 2, p.17, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RIMBAUD, Arthur. **Iluminuras**: gravuras coloridas. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Lucidez**. Editora Companhia das Letras, 2004.
- STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

Artigo recebido em: 11 ago. 2020. | Artigo aprovado em: 29 out. 2020

[i] Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa (1993), graduação em Letras - Língua Francesa (1992) e Mestrado em Letras - Teoria Literária: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (1998), e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doc CAPES - Sorbonne Nouvelle - CREPAL (2012). Atualmente é professor da Universidade Federal do Pará e líder do Grupo de Pesquisa MAKUNAÍMA (CNPQ).
ORCID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-2507-5346](https://orcid.org/0000-0002-2507-5346)
E-mail: lenomontoril@gmail.com

[ii] Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2012), Especialização lato-sensu em Língua Portuguesa e Análise Literária pela Universidade da Amazônia (2014), Mestrado em Educação - Saberes Culturais e Educação na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará (2018). Atualmente é aluna do Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, bolsista CAPES.
ORCID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0741-4615](https://orcid.org/0000-0002-0741-4615)
E-mail: isabellebpantoja@gmail.com